

Família como “ser-corpo”: esboços para uma “encarnação” a partir da fenomenologia existencial de Gabriel Marcel

Family as a “being-body”: sketches for an “incarnation”
from Gabriel Marcel’s existential phenomenology

José Luis Sepúlveda Ferriz

<https://orcid.org/0000-0002-1258-8871> - E-mail: jose.ferriz@pro.uccs.br

RESUMO

O que queremos nos perguntar neste ensaio é se na busca de sentido pela existência concreta, a família como “ser-corpo”, como ser-sujeito de relações e de estreitamento de vínculos, contribui ou não com a identificação entre sentido e vida. A família faz parte desta busca por sentido na existência humana? O pensamento sobre a família é, neste caso concreto, mais heurístico do que técnico e se aproxima a uma análise existencial e fenomenológica, a partir da situação concreta e original em que cada família se *forja*, se *descobre* e se *projeta* na realidade concreta da existência. Para isso refletimos a partir da fenomenologia existencial de Gabriel Marcel, concretamente na sua obra *Homo Viator*, o conceito de família como “ser-corpo” como possibilidade de esboços para uma encarnação.

Palavras-chave: Família. Existência. Filosofia Concreta. Encarnação. Ser-Corpo.

ABSTRACT

What we want to ask ourselves in this essay is whether or not in the search for meaning through concrete existence, the family as a “being-body”, as a being-subject of relationships and closer

ties, contributes or not to the identification between meaning and life. Is the family part of this search for meaning in human existence? Thinking about the family is, in this specific case, more heuristic than technical and approaches an existential and phenomenological analysis, based on the concrete and original situation in which each family is *forged, discovered and projected* into the concrete reality of existence. To do this, we reflect on the existential phenomenology of Gabriel Marcel, specifically in his work *Homo Viator*, on the concept of family as a “being-body” as a possibility of sketches for an incarnation.

Keywords: Family. Existence. Concrete Philosophy. Incarnation. Being-Body.

Introdução

Entre as filosofias do século XX, as de índole fenomenológica, existencial e hermenêutica, concederam um lugar de elevado relevo ao sensível, à afetividade, ao sentimento, ao sentido de vida. Autores como por exemplo Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976), Max Scheler (1874-1928), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Mikel Dufrenne (1910-1995), Michel Henry (1922-2002), Henry Maldiney (1912-2013), Paul Ricœur (1913-2005), Marc Richir (1943-2015), Jean Luc Marion (1946) Edith Stein (1891-1942) e Jean Louis Chrétien (1952-2019) entre outros. Nesta investigação refletiremos a partir de Gabriel Marcel (1889-1973), filósofo, dramaturgo e músico francês que pensou a existência como filosofia concreta. Pensar a existência, como sentido de vida, é encarná-la em um sentido concreto na vida cotidiana.

O que queremos nos perguntar neste ensaio é se na busca de sentido pela existência concreta, a família como “ser-corpo”, como ser-sujeito de relações e de estreitamento de vínculos, contribui ou não com a identificação entre sentido e vida. A vida humana tem um sentido e o homem tem um destino? A família faz parte desta busca por sentido na existência humana? O pensamento sobre a família é, neste caso concreto, mais heurístico do que técnico e se aproxima a uma análise existencial e fenomenológica, a partir da situação concreta e original em que cada família se *forja, se descobre e se projeta* na realidade concreta da existência.

A família é uma realidade existencial e como toda realidade concreta, tem possibilidade de gerar problematizações. Não poderia deixar de ser diferente. Pensar a família como objeto filosófico não é fácil e menos ainda território comum no seio da filosofia. A família é uma unidade de sentido que nos interpela e afeta, já que estamos efetiva e vitalmente implicados nela. Esta, a família, será parte do enraizamento em mim mesmo e por isso toda problematização que tem como origem a família, fará parte de meu sentido de vida como um todo, já que eu estou comprometido com minha família como objeto existencial. Ao mesmo tempo, quando nos referimos à família como ser-corpo, estamos tentando afirmar que a família não é somente uma reunião de indivíduos (corpo biológico), ou que seja vista como entidade social ou como parte de uma cultura específica (corpo social/cultural). Tudo isto é verdade, mas a família para nós e para o autor parisiense é também um ser-sujeito, entendida como corpo ontológico, que se opõe a qualquer tipo de reificação, de coisificação, a qualquer tipo de pensamento que nos leve a uma ideia de família-objeto. O próprio Merleau-Ponty aponta que o corpo tem uma significação metafísica enquanto

não se trata de fazer a existência humana andar “com a cabeça”. Sem dúvida, é preciso reconhecer que o pudor, o desejo, o amor em geral tem uma significação metafísica, quer

dizer, que eles são incompreensíveis se tratamos o homem como uma máquina governada por leis naturais, ou mesmo como um “feixe de instintos”, e que eles concernem ao homem enquanto consciência e enquanto liberdade (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 229).

Poderíamos dizer que para a fenomenologia e a filosofia existencial pensar a família como corpo, seria “perceber e sentir a família” como geradora de sensações, sentimentos, de sentido e ações. Já que a família-corpo seria a primeira experiência de sentido que parte da sensação de si e que vai ao encontro do sentimento e do sentido do outro, em constante intercomunicação com o mundo. Será a primeira experiência de alteridade e de “ipseidade” que vivenciamos na experiência familiar, e a este processo de identificação do outro-familiar, chamamos junto com Gabriel Marcel de “encarnação”. Esta encarnação está associada à experiência mais originária de abertura ao mundo. Será na família que teremos as mais originais experiências de nossas vivências, como sujeitos encarnados, daí a expressão de Marcel: “eu sou meu corpo” (MARCEL, 1927, p. 253). Neste sentido poderíamos afirmar, em sintonia com Marcel, “eu sou minha família”.

A partir deste preâmbulo, nos interessa refletir o conceito de família como ser-corpo, desde o pensamento de Gabriel Marcel (fenomenologia existencial), no sentido de integralizar as subjetividades que se formam dentro do seio familiar; perceber que a família parte de um contexto de itinerância (*homo viator*), ou seja, a família se faz na medida em que nos sensibilizamos com ela, sentimos com ela, cuidamos dela e com ela e tudo isto se faz fazendo, vivendo a experiência concreta e existencial das nossas próprias experiências familiares. Pensar, sentir e viver a família desta forma, nos leva ao aprofundamento do “mistério”, entendido como abertura contínua, como possibilidade de; a família como “mistério” que transcende a minha própria forma de compreendê-la, porque é uma “comunhão” do vital, do emocional, do sentimental, do intelectual, do espiritual e do poético/simbólico. É uma forma de refletir sobre a família desde uma base metafísica existencial. Com palavras do próprio autor francês:

[...] Hay razones para afirmar, he dicho, que las relaciones familiares, como los asuntos humanos en general, no presentan por si mismas ninguna consistencia, ninguna garantía de solidez; sólo donde se refieren a un orden sobrehumano, del cual no nos he dado aquí abajo captar más que los indicios, revisten un carácter auténticamente sagrado; es esta perennidad viva la que se nos da o se nos revela a través de la esperanza, y se presenta, por consiguiente, como envolviendo nuestra existencia transitoria y, a la vez también, como siendo accesible sólo a su conclusión, al final del viaje al que en última instancia se reduce la vida (MARCEL, 2005, p. 21)¹.

O mistério do humano, para Marcel, somente poderá ser descortinado pelo amor, já que existir não é simplesmente viver ou existir no mundo e, sim existir com os outros sujeitos, a experiência da intersubjetividade, a experiência da comunhão. Como vemos o mistério para Marcel, não é algo inatingível ou inacessível, pelo contrário o mistério marceliano parte da experiência vital e concreta.

Me parece que mi respuesta sería la siguiente: no hay amor humano digno de este nombre que no sea a la vez a los ojos de aquél que lo piensa una prenda y una semilla de inmortalidad; pero por otra parte, sin duda, no es posible pensar este amor sin descubrir que no puede ser un sistema cerrado, que se supera en todos los sentidos, que exige en el

¹ “Existem razões para afirmar, que as relações familiares, como os assuntos humanos em geral, não apresentam por si mesmas nenhuma consistência, nenhuma garantia de solidez; somente quando se referem a uma ordem sobre humana da qual não captamos aqui embaixo mais que os indícios, revistem um caráter autenticamente sagrado; é esta perennidade viva a que se nos dá ou se nos revela na esperança, e se apresenta envolvendo nossa existência transitória e, ao mesmo tempo, sendo acessível somente à sua conclusão no final da viagem, em que em última instância a vida se resume” (Tradução nossa).

fundo, para ser plenamente él mismo, una comunión universal fuera de la cual no puede satisfacerse y está condenado, a fin de cuentas, a corromperse y a perderse; y esta misma comunión universal no puede pender más que del Tú absoluto; conviene deshacerse aquí, de una vez por todas, de las ilusiones positivistas a este respecto (MARCEL, 2005, p. 164)².

Isto é o que nos interessa quando falamos de família, entendida como uma inesgotável e desafiadora fonte de vivências, experiências, problematizações e angústias, mas ao mesmo tempo geradora de plenitude. Para isso trabalharemos nesta pesquisa teórica bibliográfica ressaltando os aspectos fenomenológicos-hermenêuticos da obra *Homo Viator* (1944) de Gabriel Marcel, especificamente o capítulo: “O mistério familiar”. Pensamos que trazer de forma sucinta o pensamento de Marcel, num primeiro momento no que se refere a uma filosofia do mistério, se faz necessário para compreender a base metafísica do conceito de encarnação, para depois pensarmos a família como ser-corpo que será estudado em um segundo momento.

A filosofia do mistério

O que justificaria nos tempos atuais um estudo sobre o pensamento de Gabriel Marcel? Vários motivos: em primeiro lugar, Marcel é contemporâneo de E. Husserl, M. Heidegger, K. Jaspers (1883-1969), J. P. Sartre (1905-1980) e E. Lévinas (1906-1995) em uma das épocas mais frutíferas e originais da filosofia contemporânea. Foi discípulo de Charles Péguy (1873-1914), Jacques Maritain (1882-1973) e Henri Bergson (1859-1941), a quem dedica em 1927 sua obra *Le Journal Métaphysique*. Influenciou pensadores consagrados como M. Merleau-Ponty e P. Ricoeur e transitou pela fenomenologia e o existencialismo trazendo uma profunda originalidade ao seu pensamento. Escreveu obras de cunho antropológico-existencial como *Journal Métaphysique* (1927), *Homo Viator* (1944; 2005), *Ser e Ter* (1935; 2003), *Os Homens contra o Humano* (1951) e o *L'homme Problématique* (1955). Já com isto seria suficiente!

Mas também, Gabriel Marcel é um pensador de grande profundidade filosófica, mesmo sendo considerado um filósofo “sem-teto”, um pensador que não se deixa absorver num sistema de pensamento e, sim adota uma filosofia do peregrino ou andarilho em que não se preocupa tanto com o ter e sim com o ser, o ser que se descobre a si-mesmo na existência. Da negação ao problema do ter, se passa a uma abertura ao mistério do ser. O *Homo Viator*, entendido como itinerância para Marcel, será a única posse concreta da existência humana, já que a existência acorrenta ao ser humano a si mesmo.

Partindo de uma crítica ao cientificismo da época, arraiga seu pensamento no ser, mas não é um ser descompromissado com a realidade, bem pelo contrário, será um ser alicerçado na historicidade e na finitude existenciais. Tanto Marcel quanto Bergson, seu predecessor e professor, questionam a mudança de racionalidade. A racionalidade moderna que se apresenta como insuficiente para explicar as atlântidas submersas do mistério da vida. Podemos afirmar que o ponto de onde parte o pensamento marceliano, é a existência e será dentro dela que coloque o ser. *Quem eu sou? Eu sou meu corpo*, afirma o nosso pensador. A pretensão de nosso

² “Penso que a minha resposta seria a seguinte: não há amor humano digno deste nome que não seja ao mesmo tempo aos olhos daquele que o pensa uma semente e um regalo da imortalidade; mas por outra parte, sem dúvida, não é possível pensar este amor sem descobrir que não pode ser um sistema fechado, que se supera em todos os sentidos, que exige no fundo, para ser plenamente ele mesmo, uma comunhão universal fora da qual não pode se satisfazer e está condenado, no final das contas, a corromper-se e perder-se; e esta mesma comunhão universal somente pode depender do Tu Absoluto; convém desfazer-se aqui, de uma vez por todas, das ilusões positivistas sobre este assunto” (Tradução nossa).

autor de integrar conceitos como Ser e Corpo, requer um trabalho de compreensão e significação de várias dimensões humanas, como afirmam Silva e Röhr (2019, p. 79):

De acordo com a visão antropológica marceliana, a noção de integralidade do Ser envolve: a dimensão físico-corporal, por conceber o homem enquanto ser encarnado; a dimensão sensorial, quando possibilita o desvelar da existência, através da mediação do corpo e das relações sentidas; a dimensão cognitiva, por onde se testemunha que o mistério do Ser pode ser apreendido, mas nunca esgotado totalmente; a dimensão emocional, por compreender que a existência se afirma na relação intersubjetiva do eu e do tu; e, por último, a dimensão espiritual, que inclui o processo de busca pela unificação da alma através do agir coerente, da possibilidade da transcendência e do encontro com o Absoluto.

A partir daqui elencaremos alguns dos conceitos mais significativos do “*corpus marceliano*”, entre eles filosofia do concreto, encarnação, ser e ter, mistério e problema, a relação com outro, conceitos estes que o próprio autor desenvolve fenomenologicamente para uma melhor compreensão da existência humana. O fio condutor que perpassa todo seu pensamento e obra, será a ideia da filosofia concreta, especificamente o tema da encarnação, ou estar-no-mundo. Pensamento e vida serão “ponte entre nossa vida concreta e o pensamento reflexivo, procurando o sentido último da existência humana” (ZILLES, 1988, p. 39). Marcel parte de que o homem é uma existência encarnada, a partir da sua situação real e fundamental.

Gabriel Marcel descobriu a dialética da situação ou o caráter eminentemente dramático do existir. Importam mais os seres, os homens de carne e osso, do que as ideias. Estas, as ideias, não são mais que mediações pelas quais os personagens tomam consciência de sua condição dramática (CARMONA, 1988, p. 31).

De forma contrária ao essencialismo escolástico ou ao idealismo alemão, sendo crítico de um racionalismo cientificista de corte cartesiano e pós-kantiano muito presente na academia da época. Estas escolas filosóficas colocam o ser fora da realidade existencial, fazendo do sujeito uma subjetividade desencarnada, unicamente acessível pelo pensamento (certeza do *cogito*). Marcel “preconiza um saber, porém de outro gênero, um saber não exato, no qual o sujeito, em vez de dominar o objeto, é acolhido pelo mistério” (CARMONA, 1988, p. 174).

O primeiro consiste em colocar a filosofia marceliana em relação com a problemática da ciência. Na filosofia de Marcel, estão presentes numerosas referências polêmicas contra o positivismo científico. Refutando decisivamente o princípio de verificação, segundo o qual somente tem sentido as proposições as quais se pode empiricamente verificar através da experiência, Marcel termina por englobar e aprofundar aspectos da crítica espiritualística, da crítica existencialista e da crítica neopositivista à ciência (CARVALHO, 2019, p. 35).

Marcel coloca o ser no âmbito da historicidade e da finitude (temporalidade), e através de um exercício de constante itinerância, como *homo viator* (exercício vivencial de nossas próprias experiências) podemos descobrir a nossa participação no próprio ser, entendido como presença, como consciência de existir, existir no mundo; sempre desde uma perspectiva ou discurso ontológico, mais do que lógico.

Presencia significa algo más y algo diferente al simple hecho de estar ahí; en rigor, no se puede decir de un objeto que esté presente. Digamos que la presencia se insinúa siempre

por uma experiência, a la vez irreductible y confusa, que es el sentimiento mismo de existir, de estar en el mundo (MARCEL, 2005, p. 27)³.

Esta presença, este existir no mundo faz do homem um projeto, um vir-a-ser. O reconhecimento de uma “situação” que me constitui como indivíduo, e que para G. Marcel será o mistério da encarnação. Gabriel Marcel é o grande observador das manifestações da vida e para isso fará um exame fenomenológico das situações concretas.

Pensamos que existe um grande objetivo para o pensamento de Marcel, segundo a obra *Journal Métaphysique* (1927), devolver à existência aquele protagonismo que em certa maneira o idealismo tinha desprestigiado, dar à existência como concretude uma dimensão ontológica. A condição humana se caracteriza por ser experiência encarnada e o corpo será o elemento ou ponto de partida para esta participação do homem como ser-no-mundo. Eu sou à medida que participo do mistério do ser. Com palavras de Ricoeur, “reconhecer o corpo como referência de todos os existentes e a encarnação como referência central da reflexão filosófica, é reconhecer o privilégio de minha existência corporal no coração da certeza global da existência” (RICOEUR, 1947, p. 100).

Outro ponto importante no pensamento de Marcel será a distinção entre *problema e mistério*. Para isso, uma citação do próprio pensador francês, pode-nos ajudar na compreensão:

Distinção entre o misterioso e o problemático. O problema é algo que se encontra ou que obstaculiza o caminho. Acha-se inteiramente diante de mim. Ao contrário, o mistério é algo com o que me encontro comprometido, cuja essência consiste, por conseguinte, em não estar inteiramente diante de mim. É como se nessa zona a distinção entre o em mim e o ante mim perdesse sua significação (MARCEL, 1935, p. 145).

Esta abordagem de Marcel é uma clara distinção de metodologias empregadas na busca da verdade a partir da distinção entre sujeito e objeto. O caminho da problematização, foi o escolhido pela ciência, como conhecimento objetivo e imediato. É algo que se me apresenta de uma vez por todas, de forma inteira, e somente podemos defini-lo numa linguagem lógica e instrumentalizada. O problema é algo que se dissolve nele mesmo, a partir dos limites impostos pela sua própria resolução. Porém, o mistério está em mim, aquilo que me situa no ser, e por isso mesmo nos desloca, nos coloca para além do problema, já que segundo o autor, o mistério está na ordem do *metaproblemático*, ou seja, de tudo aquilo que por via de regra, sai fora do “nosso” controle, de aquilo que não tem uma solução lógica, que não tem uma clara e distinta estratégia de resolução ou clareza. É na ordem ontológica que o mistério se desvela, e por isso a única atitude que podemos ter com relação a ele, é a do reconhecimento. Mergulhar no mistério do ser, é se abrir a possibilidades de reconhecimento do recôndito, realidades que fazem parte de nossa existência e que não sabemos muito bem como lidar com elas, porque se escapam, não se deixam agarrar facilmente pela nossa lógica, como por exemplo: o problema do mal, a liberdade, o amor, a temporalidade, a morte, entre outras.

Como afirma Borghi (2019, p. 56): “o processo do conhecimento humano se desenvolve como processo interpretativo de uma realidade que se caracteriza como Mistério, isto é, como algo que pode ser ‘significado’, sem nunca poder esgotar totalmente a riqueza da sua significação”. Este posicionamento de Marcel, com relação ao mistério, é muito importante nos dias

³ “Presença significa alguma coisa a mais e alguma coisa diferente ao simples fato de estar aí; estritamente falando, não se pode dizer de um objeto que esteja presente. Digamos que a presença se está insinuando sempre através de uma experiência, ao mesmo tempo irreductível e confusa, que é o sentimento mesmo de existir, de estar no mundo” (Tradução nossa).

atuais, já que rompe com a cisão sujeito-objeto tão própria da modernidade. Ele coloca o objeto dentro de nós e não fora, sujeito e objeto são a mesma coisa, porque para Marcel são questões existenciais, fazem parte de nossa estrutura. Também o mistério é o não coisificável, já que não tem a mesma estrutura do problema que tenta resolver “a coisa” desde uma perspectiva de verificação, análise, problematização e provável solução. O âmbito do mistério foge dessa lógica de verificação somente através do pensamento, do sujeito consciente.

O drama da existência, se apresenta de forma muito específica em outras áreas como a literatura, a música e a arte em geral (não esqueçamos que Marcel era dramaturgo e músico). Neste sentido o pensador francês Didi-Huberman na sua obra *Diante da imagem* (2013), nos impele a ver a arte como um abrir a imagem, abrir a lógica da representação. Seria um saber sem ver ou ver sem saber. A vida como Mistério, como constante abertura entra nesta inversão de pensamento de Didi-Huberman, a vida longe de ser lógica deve ser vista como um processo de deslocamento, de rupturas, de desfiguração, de anacronismos. Esta é a única forma de sair do Mesmo, do óbvio e lançar-se ao paradoxo da Alteridade, como descoberta do ser do outro: “sou” na medida em que o outro se faz presente em mim.

A Filosofia do Mistério de Marcel se abre de forma específica à *intersubjetividade*, precisamente pela encarnação, entendida como o sentir da experiência, como afirma (AZEVEDO, 2018, p. 101) “é a restauração do concreto que clama o ser, é a restauração do dado da encarnação”. Mas também é entendida por Marcel como abertura ao outro. Como seres encarnados percebemos o mundo e por tanto o outro também, é um existo-com em que se reconhece um tu. A essência humana é existência, e na existência o tu se apresenta como consubstancial ao eu. Não temos como falar do eu sem fazer referência a um tu, e vice-versa. A intersubjetividade (ser-com-os-outros) é a condição para que eu seja-no-mundo. O próprio Gabriel Marcel afirma que “a intersubjetividade é, na realidade, interior ao sujeito por si mesmo; cada um é, para ele próprio, um nós, que não pode ser por si senão muitos de tal modo que o valor só é possível nessa condição” (MARCEL, 1959, p. 159 *apud* CAIFFA, 2017, p. 376).

Por tanto para Marcel, o que nos abre à realidade, ao mundo não é o conhecimento e sim, o amor, o amor fundamentado na esperança. Esperança no sentido de atitude, modo de ser, de incerteza, do que ainda não se é, mas que se descobrirá no final do caminho. O amor e a esperança em Marcel são exigências ontológicas que precisam da presença de um “tu-nós”, e da relação intersubjetiva. Amar, é doação, é vivenciar a intersubjetividade, já que não podemos ter a experiência do amor na solidão. A subjetividade que se transforma em intersubjetividade. O amor revela uma dimensão mais profunda de si mesmo, já que gera o “nós”. A insatisfação existencial que gera a busca de um “tu”, só é possível preenchê-la pelo amor. Somente pelo amor é que poderemos afastar a fronteira entre o eu e aquele que está diante de mim, que se me apresenta como um “outro”.

Para Marcel, trata-se do homem que faz seu percurso e espera os demais. A atitude paradigmática do amor. Torna-se assim, o mestre da intersubjetividade, que se expressa como ágape e fraternidade. O caminhar não se faz, de modo algum, na solidão. A peregrinação, ainda que solitária, é uma espera também pelos outros (GOMES, 2007, p. 15).

O amor, a esperança e a fidelidade se convertem em Gabriel Marcel em intersubjetividade, a autêntica experiência da alteridade. Não como simples relação, e sim como comunhão, acolhida, doação, confiança, compromisso, co-participação. É o que vamos ver na próxima seção no mistério familiar.

O mistério familiar

O que poderia deslocar a atenção dos filósofos para a família? A profunda crise e as consequências que têm sobre a pessoa humana e sua sociedade? Mutações culturais, novas formas de convivência alternativa, cansaço com a massificação do indivíduo, com os descaminhos da modernidade que, em busca da razão, foi muitas vezes tão pouco razoável? A busca de formas mais humanas de vida, de convivialidade, de fraternidade? Quem sabe se o clima “pós-moderno” depois da valorização exclusiva do sujeito, ou da macro-estrutura, não seria favorável para um retorno às realidades do convívio e do afeto que caracterizam a família?

Somos seres relacionais na medida em que somos seres sensitivos, perceptivos, afetivos fenomenologicamente falando. Na medida em que sentir é a forma mais originária de ser-no-mundo. A sensação se revela e se percebe como um “ser-em”, como adesão, ato, afeição, como intencionalidade. Desta forma, o corpo se transforma não em simples instrumento de uma sensação entendida como extensão quantitativo-mecânica, em resposta às percepções que nos relacionam como seres no mundo (corpo-objeto) e sim como um catalisador, receptáculo de uma intermediação na busca de sentido e de descoberta da própria subjetividade, sensibilidade encarnada, (corpo-sujeito). Portanto, para Gabriel Marcel, o sentir e o agir desde o corpo ou a corporeidade, não podem ser pensados desde uma relação instrumentalizada e, sim como uma mediação que me leva para além de mim mesmo, em que me encontro com a ipseidade.

A partir desta base conceitual do pensamento marceliano apresentamos a reflexão sobre o “Mistério Familiar”, palestra realizada pelo nosso autor em 1942 na *École des Hautes Études Familiales* e que está integrada na obra *Homo Viator*. Marcel parte de uma evidência, a família é um mistério e está envolvida numa crise que envolve o desenvolvimento humano ou a própria humanidade como tal. Com palavras de Martin Buber (1878-1965), a família constitui o elemento que conduz o problema antropológico a uma maturação (BUBER, 2004). A crise da família é a crise do mundo na qual a família está inserida, mora, convive. União e desunião, estão de braços dados tanto no mundo quanto na família, já que os sem sabores, os desacertos que se vivenciam no mundo afetam consequentemente as famílias. Mas para Marcel esta crise na família não deve ver-se como um problema e sim como mistério. O mistério de ser-família, a busca de sentido de ser uma família, para a fenomenologia existencial, só poderá ser descoberto a partir do concreto da família, que são os seres da qual eles fazem parte.

Estamos envolvidos nos efeitos de uma globalização tecnocêntrica e capitalista, que de muitas formas atomiza a sociedade, deixando-a numa “nudez social e ética” sem precedentes na nossa história. Bem analisa Byung Chul Han (2022) quando afirma que vivemos uma realidade que nos afasta do ser e da busca pela verdade, através da sociedade do capitalismo da informação e da sua impiedosa dominação. Com isso, consumo e identidade se tornam a mesma coisa, mercadoria. Época, em inúmeras ocasiões de pós-verdades, de infocracias, de superficialidades e de subjetivismos arbitrários. A pessoa, pois, perde consistência ontológica a partir do momento em que é abordada desde a funcionalidade e do egocentrismo. Tudo isto pode trazer um grau de despersonalização, alienação e de massificação nas próprias famílias que pode levar em muitos casos a fanatizar os próprios processos através, como o nosso autor afirma, de técnicas de envilecimento, como já foram usadas em muitos momentos da nossa história.

[...] em sentido restrito, eu entendo por técnicas de aviltamento o conjunto de procedimentos deliberadamente postos em curso contra os indivíduos pertencentes a uma determinada categoria a fim de atacar e destruir o respeito que eles podem ter deles mesmos, transformando-os, pouco a pouco, num resíduo apreensível como tal do qual

só poderiam, enfim, se desesperar, não simplesmente intelectualmente, mas vitalmente, de si próprios (MARCEL, 1951, p. 36 *apud* GRASSI, 2017, p. 318).

É perante essa ilusão de vivência numa sociedade unificada pela tecnocracia e pelo setor financeiro, que nos sentimos cada vez mais longe de casa, da nossa casa, de nós mesmos, perdemos o sentido do que realmente significa família como ser que abre as portas ao outro desde uma perspectiva de acolhida, de pertença e de amor. Pais, mães, filhos são estranhos, são átomos dispersos nas suas próprias casas, são peças de um relógio que aparentemente está tudo em ordem, mas o relógio não funciona. Somos habitantes do mundo, mas sem casa, sem lugar “tudo aquilo que tende a fragilizar [...] o sentido do habitat permanente e de algo de durável e imutável no ambiente, contribui diretamente em tornar [...] anêmica a própria consciência da família” (MARCEL, 1967, p. 93).

O nosso autor nos propõe que devemos “pensar a família” de forma que seja o pensamento uma forma de reflexão carregado de responsabilidade. Pensar o que é que realmente pode fazer da vida, uma vida mais humana, e, portanto, uma família mais humana. Conceitos como união do casal, paternidade, maternidade, filiação, procriação, são temas importantes demais para pensar a família e, que precisam de três fatores para que o ser humano possa “libertar-se das amarras e dos vínculos que a condição de criatura comporta” (MARCEL, 1967, p. 111), são o amor, a esperança e a fidelidade.

Quizá ahora estemos en condiciones de discernir por qué es verdadero decir que el misterio familiar es un misterio de fidelidad y de esperanza; en el origen de la crisis de las instituciones familiares el análisis descubre un desconocimiento cada vez más profundo de esas virtudes en las que se consuma la unidad de nuestro, destino temporal y supraterrrestre al mismo tiempo (MARCEL, 2005, p. 102).

A vida está carregada de relativismos, que em definitiva é uma recusa ao pensamento. O relativismo atual não se combate com moralismos, com fórmulas, a modo de intervenção, como um remédio que serve para todos da mesma forma. Para Marcel a família é individual, por isso é mistério, não se deixando generalizar com propagandas esotéricas e extravagantes. O que está em jogo, para nosso autor, não é somente as tradições ou os princípios morais ou religiosos que envolvem a família. O que está em jogo é a própria natureza humana e o que nos faz ser diferentes dos animais, a partir do sentido de ser-família que descobrimos em nossas próprias famílias.

A razão de ser de nossas famílias está no amor. A família, para Marcel, não deixa de ser um mistério de amor. Nunca poderemos saber de forma completa o que é o amor, qual é a essência do amor, da mesma forma que nunca poderemos expressar de forma definitiva o que é a família. O amor tem algo de “impenetrável”, foge ao controle do compreensível, da mesma forma a família escapa a caracterizações, já que cada uma delas está sustentada em algo diferente, é seu “DNA” característico e irrepetível. Mesmo assim, o amor é o coração do mistério familiar que está inscrito na carne de seus membros. Essa encarnação é a busca da completude na alteridade, é o ser mesmo da família. É saindo de si mesmo, transcendendo à nossa própria imagem e ao nosso próprio corpo que descobrimos a realização do amor no outro. Trata-se de um amor encarnado, através de relações intersubjetivas, que provocam em mim vínculos de pertença, de adesão e também de comprometimento por meio de uma fidelidade encarnada e esperança responsável.

Pela família, afirma Marcel, “a fidelidade e a esperança” constituem “a dupla fonte de sua vitalidade” (MARCEL, 1967, p. 97-98). Esperança e fidelidade, na verdade, na nossa contemporaneidade são palavras que sofreram um certo desgaste e para muitos pode ser que não tenham

muito sentido, a não ser que sejam entendidas como fidelidade a si-mesmo, a confirmação do eu, que se sobrepõe a tudo e a todos. Uma forma de se amar narcisicamente excluindo o outro. Aqui é que para nosso autor reside a crise da família, quando se exclui o outro, quando não se dá possibilidade de crescimento humano a partir do outro. Isso pode nos levar na maioria dos casos a um sem-sentido familiar, a não saber encontrar na relação familiar a essência de nossa existência. Podemos cair no erro de administrar nossas famílias como administramos empresas, negócios, etc. Não é questão de crédito e débito. O que está envolvido no que chamamos de família é muito maior que tudo isso e para além disso. É metafísico, é também poético e espiritual! É Mistério!

Fidelidade e esperança completam o processo de descoberta do sentido do ser-família que de forma originária nasce no amor. O amor nos envolve numa espécie de processo, de projeto, de êx-odos (sair de si), de busca constante por uma complementação de nós mesmos através de um sim ao outro. Um sim a outro como esposo/a, companheiro/a, pai/mãe, filho/a, irmão/a, avô/ó. O autenticamente outro deve residir primeiramente ou originariamente na família.

Podemos agregar que é a partir daqui que reside o significado de *comunidade* para Marcel, fenomenologicamente falando. Já que refletir sobre o ser humano, requer compreender o significado de comunidade, como ser de relação com seu ambiente e especialmente com os seus semelhantes. Gabriel Marcel nos propõe uma “metafísica do nós” e que nos estudos de família se torna fundamental para perceber o ser-família como uma comunidade/corpo. Somos corpos familiares que se comunicam de formas diversas com a linguagem, os vínculos, os afetos, etc. A família como ser-corpo, para Marcel também é *responsabilidade*, é pertença. Responder em primeiro lugar ao apelo do outro, à presença do outro. Para que possa existir responsabilidade primeiro temos que saber dialogar, que fenomenologicamente significa, entrar em contato, perceber o outro e reconhecê-lo empaticamente. Dialogar é, portanto, reconhecimento de um tu e comunicação com o outro que está presente em mim. Não existe autêntica relação sem o reconhecimento da alteridade.

Conclusão

Gabriel Marcel foi o filósofo da concretude e também da esperança. Ele nos instiga a pensar a família desde esta perspectiva, desde a nossa própria realidade, que é o concreto, o chão de nosso dia a dia, onde alegrias e tristezas, desânimos e novas esperanças se misturam na nossa experiência existencial, sempre em relação com o outro. Quando Marcel afirma “Eu sou meu corpo!”, coloca o corpo como sujeito e não como objeto. Eu e o corpo somos a mesma coisa: Existência! Este sujeito-corpo se relaciona, porque sente e conhece o mundo. Marcel mostra que a existência é sentido, logo é movimento e, por isso, descarta a possibilidade do corpo vivo (senciente) ser abstrato, mas encarnado.

Aliás, pensar a corporeidade em Marcel nos conduz diretamente a pesquisar a sensação. O reconhecimento da existência tem seu lugar através da sensação. É a partir da sensação que o corpo se torna o principal indicador de que é o próprio corpo, ou seja, é a experiência de como se sente é o que faz aparecer como meu distinguindo, assim, dos demais. O corpo por meio da sensação permite ao sujeito que se reconheça como um existente.

Voltando para os estudos em família, ela também é um sujeito-corpo encarnado. Nós e nossas famílias somos uma coisa só, já que eu conheço o mundo e me reconheço nele através da relação familiar. Aliás, sentimento e ação na fenomenologia existencial de Gabriel Marcel, são de extrema importância, já que sentir me leva, através dos afetos, dos valores, das emoções, a uma conexão com a vida e ao reconhecimento nela do significado e do sentido de minha existência.

Nesta perspectiva a família não é necessidade e sim liberdade. Quando partimos de uma necessidade, o que se reflete é o Mesmo e não o Outro. O outro somente se dá na perspectiva da alteridade, do reconhecimento do outro, como diferente de mim, mas que se torna essencial a mim. Essa diferenciação, essa ipseidade aparece ou se manifesta no amor, na abertura do ser, no movimento de sair de si, já que existir não é somente se amar a si mesmo, e sim amor por uma outra pessoa, amor por um outro, que espera por mim reconhecimento.

Reconhecimento significa dizer sim ao outro, a partir de um sentimento de pertença vinculante. Como a nossa existência é movimento porque é abertura, porque é relação, a família se torna em um processo significativo de busca de sentido da minha subjetividade que se completa e se autoalimenta no exercício da minha liberdade, entendida como gesto, como ação de mim para o outro, do outro para mim. Isto é o que poderíamos dizer que Marcel entende como “transcendência encarnada” ou “intencionalidade encarnada”. O movimento empático através do qual sou capaz de sair de mim mesmo para buscar um algo ou um alguém que possa gerar em mim, uma completude física, psíquica, espiritual, ética, ontológica. Esse movimento fenomenológico, que primeiramente é empático e depois se transforma em cuidado, em responsabilidade, nasce a partir do Desejo. O Desejo, em Lévinas, está para além da necessidade, mesmo que a necessidade faça parte da nossa forma de interação com o mundo. Desejo para Marcel é a Esperança. Desejar é Esperar e, esperar é sempre esperar por alguém. O que importa não são as necessidades próprias a satisfazer, mas a abertura ao Outro, ao Estrangeiro, a exterioridade. No pensamento marceliano o ter faz parte da necessidade e o ser do Desejo que sempre espera. Para finalizar o nosso ensaio, a família como ser-corpo nos reafirma a necessidade de contemplar e refletir qual é o sentido que a família tem para cada um de nós, como centro das nossas atenções e como sistema-vivo que se autorregula na medida que se percebe como ser no mundo. Eu sou na medida que outro ser-familiar também é para mim, portanto, formamos uma comum-união não somente de indivíduos, de interesses, como também de relações e pertencas. É encontrar a felicidade na entrega a outro, no nosso dia a dia, como parte do mistério do Ser, no qual identificamos a necessidade de ser feliz, a necessidade de sentido, no outro-familiar. Penso que é somente desta maneira que poderemos enfrentar cada um de nós, de forma filosófica e ética, a pergunta pelo sentido da minha família para mim e se essa relação me preenche e preenche a minha existência. Ter uma família me faz ser mais feliz?

Referências

AZEVEDO, J. A. *A exigência de transcendência como preambulum fidei na Filosofia do Mistério de Gabriel Marcel*. 2018. 208 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade do Paraná, Curitiba, 2018.

BORGHI, G. *Ciência, filosofia e algo mais*. Um novo saber para um novo agir. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

BUBER, M. *Il problema dell'uomo*. Milano: Marietti, 2004.

CAIFFA, R. Eu e outrem: o valor da intersubjetividade em Gabriel Marcel. In: DA SILVA, F. C. A.; RIVA, F. (Orgs.). *Compêndio Gabriel Marcel*. Cascavel: EdUnioeste, 2017. (Série Fenomenologia & Existência).

CARMONA, B. F. *La filosofía de Gabriel Marcel: de la dialéctica a la invocación*. Madrid: Encuentro, 1988.

- DIDI-HUBERMAN, G. *Diante da imagem*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.
- GOMES, P.T. Gabriel Marcel: a Filosofia da Existência como Neo-Socratismo. *Reflexão*, Campinas, v. 32, n. 91, jul./dez. 2007, p. 11-17.
- GRASSI, M. Comunidade radical na filosofia de Gabriel Marcel. In: DA SILVA, F. C. A.; RIVA, F. (Orgs.). *Compêndio Gabriel Marcel*. Cascavel: EdUnioeste, 2017. (Série Fenomenologia & Existência).
- HAN, B.-C. *Infocracia*. Digitalização e a crise da democracia. Trad. Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022.
- LÉVINAS, E. *Entre nós*. Ensaios sobre a Alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MARCEL, G. *Du refus à l’invocation*. Paris: Gallimard, 1940.
- MARCEL, G. *Essai de philosophie concrète*. Paris: Gallimard, 1967.
- MARCEL, G. *Homo Viator*. Prolegómenos a una metafísica de la esperanza. Salamanca: Ed. Sígueme, 2005.
- MARCEL, G. *Les hommes contre l’humain*. Paris: La Colombe, 1951.
- MARCEL, G. *Présence et immortalité*. Paris: Poche, 1959.
- MERLEAU-PONTY, M. *A fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- RICOEUR, P. Gabriel Marcel et Karl Jaspers: philosophie du mystère et philosophie du paradoxe. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 6, n. 1, 1950, p. 109-109.
- SILVA, E. G; RÖHR, F. Fenomenologia da educação numa era de técnica e tecnologias da informação. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Brasília, n. 30, nov./2018-abr./2019, p. 75-90.
- ZILLES, U. *Gabriel Marcel e o existencialismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1988.

Sobre o autor

José Luis Sepúlveda Ferriz

Coordenador e professor do Programa *Stricto Sensu* em Família na Sociedade Contemporânea na Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Professor dos cursos de Filosofia e de Psicologia na Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Doutor em Filosofia Ética e Política pela Universidade Complutense de Madri (Espanha). Mestre em Estudos Avançados em Filosofia pela Universidade Complutense de Madri (Espanha).

Recebido em: 14/06/2024
Aprovado em: 22/10/2024

Received: 06/14/2024
Approved: 10/22/2024